

Cultura Lúdica na Educação Infantil: Contributos do Letramento em Diálogo com a Sociologia da Infância

Playful Culture in Early Childhood Education: Literacy Contributions in Dialogue with the Childhood Sociology

Loraci Verdi Lamb^a; Rosemar Eurico Coenga^{*a}

^aUniversidade de Cuiabá, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino. MT, Brasil.

*E-mail: rcoenga@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo identificar a contribuição da Sociologia da Infância em interface com estudos do Letramento em pesquisas acadêmicas desenvolvidas no período compreendido entre 2015 a 2020. A metodologia de natureza quanti-qualitativa se consistiu em buscar nos bancos de teses e dissertações do IBICT e Capes produções acadêmicas, que se enquadram no escopo pretendido. A base teórica se encontra ancorada nas contribuições teóricas, que tematizam as culturas infantis, em particular, as contribuições teóricas acerca da infância em uma perspectiva sociológica. As pesquisas revelam que há investigações no âmbito da Sociologia da Infância, abordando diferentes perspectivas enunciadas de diversos campos do conhecimento e que as pesquisas envolvendo os dois campos, em nível nacional, parecem ser ainda incipientes ao se considerar a relevância que essa proporciona ao processo de letramento. Destaca-se, por fim, que no âmbito das questões e reflexões teórico-metodológicas constituem um desafio para os pesquisadores, que investigam as culturas e histórias tecidas pelas subjetividades lúdicas das crianças.

Palavras-chave: Infância. Perspectiva Sociológica. Ludicidade. Estado do Conhecimento. Metodologias de Pesquisa.

Abstract

The present work aims to identify the Childhood Sociology contribution in interface with Literacy studies in academic research developed between 2015 and 2020. The quantitative and qualitative methodology consisted of searching academic thesis and dissertation banks at IBICT and CAPES for academic productions that fall within the intended scope. The theoretical basis is grounded in the theoretical contributions that make children's cultures thematic, in particular, the theoretical contributions about childhood in a sociological perspective. Research reveals that there are investigations in the field of Childhood Sociology addressing different perspectives from different fields of knowledge and that research involving both fields, at the national level, that seem to be still incipient if we consider the relevance it provides to the literacy process. Finally, it is noteworthy that within the scope of theoretical and methodological questions and reflections, they are a challenge for researchers who investigate the cultures and stories woven by children's playful subjectivities.

Keywords: Childhood. Sociological Perspective. Playfulness. State of Knowledge. Research Methodologies.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir alguns aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa com a infância, em uma vertente sociológica, buscando compreender as diferentes dimensões desse campo, particularmente, através de dissertações e teses defendidas em programas de pós-graduação (2015-2020).

Nos últimos anos, a produção sobre o tema da infância no Brasil parece ter ampliado o seu campo de intervenções e, também, adquirido algum estatuto teórico-metodológico. Os estudos sobre a Sociologia da Infância ampliaram a produção acadêmica brasileira. O interesse nessa temática foi desencadeado pela percepção de que este campo aborda a criança, suas culturas e seu protagonismo, enquanto agente social. Elementos que colaboram para a constituição da cultura lúdica, o que no contexto escolar se verifica pela maior ou menor possibilidade de autonomia dos estudantes.

Explicitado o interesse, trata-se aqui de uma temática sobre a qual se tem abordado o estudo – as relações entre pesquisa e infância – em interface com os estudos do letramento. Além

disso, este artigo de revisão buscou contribuir, também, para o processo de formação de professores que atuam na Educação Infantil, ampliar o seu repertório de leitura em torno da cultura da infância e suas implicações sobre a infância na escola.

A ludicidade é compreendida em um extenso campo de saberes dentro do contexto das mais distintas áreas, como a Educação Física, Psicologia, Psicopedagogia, Pedagogia, originando, assim, um campo multiprofissional. Nessa perspectiva, as atividades lúdicas geram uma diversidade de benefícios no desenvolvimento das crianças, como nos aspectos cognitivos, afetivos e físicos. Na trajetória docente da autora, houve a oportunidade de compreender que, através das brincadeiras e dos jogos, as crianças vivenciavam e experimentavam situações quase irreais da vida normal, a imaginação fluía através das brincadeiras partilhadas coletivamente, construíam-se sonhos, criavam-se regras, descobriram-se mundos ocultos, em que as situações inusitadas eram sempre cheias de curiosidades e fantasias, os alunos eram levados a produzirem seus próprios conhecimentos de

forma livre e sem se sentirem obrigados ou presos a estruturas rígidas do currículo ou cartilha.

Dessas experiências surgiu o interesse em investigar sobre a ludicidade e a alfabetização e letramento e, para isso, se tornava relevante conhecer o arcabouço teórico e resultados de pesquisas já existentes sobre o assunto. A partir dessa necessidade, a questão que direcionou a pesquisa foi: o que os pesquisadores brasileiros estariam investigando e publicando sobre a Sociologia da Infância no Brasil, e, como este conhecimento dialoga com o letramento?

Com o objetivo de responder a tal questão se busca identificar as publicações brasileiras que abordam sobre Sociologia da Infância, publicadas no Brasil e em Língua Portuguesa, no período de 2015 a 2020. Sendo assim, dedica-se a: a) identificar, selecionar e transcrever os dados dos trabalhos que tratavam, especificamente, sobre Sociologia da Infância, b) apontar os autores, títulos e instituições das publicações selecionadas, c) analisar os textos, evidenciando se estes tratavam da Sociologia da Infância e letramento.

A relevância da pesquisa se concretiza no destaque aos trabalhos de pesquisadores brasileiros, que se debruçam sobre a temática, apontando o estado do conhecimento sobre o assunto, colaborando com futuras pesquisas e com reflexões sobre ludicidade, infância e letramento.

Acredita-se que o objetivo foi alcançado, uma vez que o texto a seguir apresenta os títulos, autores, instituições (teses, dissertações e artigos) e assuntos (teses e dissertações) das produções sobre Sociologia da Infância, publicadas no Brasil de 2015 a 2020, bem como apontando sua relação, ou não com o letramento.

2 Desenvolvimento

Ao considerar que a infância é, via de regra, pouco abordada pelos estudiosos da Sociologia, é possível dizer que a Sociologia da Infância é um campo ainda em emancipação e, relativamente recente. Tanto que as principais discussões encontradas, nas pesquisas desta área do saber, versam sobre problemas, ainda recorrentes em relação às crianças, como o fato de que anteriormente não eram tratadas como atores sociais, nem reconhecidas como protagonistas de sua própria história, nem tão pouco, como seres possuidores de conhecimento e experiências. Percepções que reverberam, por exemplo, em dificuldade no processo de ensino e aprendizagem no campo da Educação Infantil, área esta que aliás, necessita estabelecer diálogo entre aluno, escola e sociedade.

Para alguns pesquisadores, como Ana Cláudia Delfini Capistrano de Oliveira (2011), embasando-se principalmente no pensamento de Gilberto Freyre, quanto à relevância de se olhar para o universo infantil, a Sociologia da Infância tem mostrado o abismo existente entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos, bem como a incapacidade dos mais velhos de compreenderem a vida e o que se passa nas brincadeiras infantis.

Para o criador da Sociologia, o francês Émile Durkheim, que traçou conceitos e teorias sociológicas, ricas em reflexões sobre a socialização da criança, “A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não estão ainda maduras para a vida social” (DURKHEIM, 1975, p. 51). Seu pensamento até hoje é utilizado como referência para as áreas da Psicologia e Pedagogia e, sem dúvida, deve ter influenciado Marcel Mauss, um dos precursores da Sociologia da Infância, professor francês de Sociologia e Antropologia, sobrinho de Émile Durkheim. Ambos contribuíram para o desenvolvimento das Ciências Humanas.

No final do século XX, em alguns países da Europa, já se estudavam assuntos voltados para a Sociologia da Infância, criando-se novos entendimentos a partir da perspectiva de que a criança tem suas interações sociais e quando das suas vivências e experiências com o meio, ela passa a ser ator social da sua própria história. Infelizmente, como pontua a pesquisadora Jucirema Quinteiro: “[...] pouco se sabe sobre as *culturas infantis*, porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças e, ainda assim, quando isto acontece, a “fala” apresenta-se solta no texto, intacta, à margem das interpretações e análises dos pesquisadores” (QUINTEIRO, 2002, p. 140). Pois, geralmente, os estudiosos parecem ficar prisioneiros de seus próprios “referenciais de análise”. A autora prossegue dizendo que a Sociologia ainda resiste em aceitar o testemunho infantil como fonte confiável de pesquisa, enquanto a entrevista, tradicionalmente, usada pela etnografia e história oral:

[...] tem se mostrado como um instrumento pouco adequado quando utilizada junto a este ‘pequeno sujeito’ ou ‘pequeno objeto’ emergente. posto que [...] muitos pesquisadores, ao entrevistarem a criança em suas pesquisas, não problematizam os dados e tampouco descrevem em seus textos os elementos constitutivos do processo de recolha da voz da criança (QUINTEIRO, 2002, p. 140).

As Ciências Sociais e Humanas levaram muito tempo para focar a criança e a infância como objetos centrais de suas pesquisas. E, os sociólogos, mais tempo ainda, para centrarem suas análises nas relações entre sociedade, infância e escola, tendo como eixo de suas investigações o registro das “falas” das crianças. Durkheim (1975), por exemplo, descreve que a educação ocorre também através da socialização desses sujeitos com o meio, e que são fortemente influenciados em sua formação intelectual, física e moral, oportunizando dessa forma uma interação entre o ser que aprende e o que ensina, considerando-se ainda todas as características de semelhanças ou de adversidades entre esses sujeitos, como etnia, clima, gênero, idade, classe econômica, raça, esses são fatores das diversidades culturais, em que as crianças estão imbricadas.

Nesse sentido, Abramowicz e Oliveira (2010, p. 41) ressaltam que: “A Sociologia da Infância fará algumas inflexões na tentativa de falar da criança e da infância a partir de outros referenciais e, também, prescreverá novas e outras modalidades para entender o que é ser criança e ter uma

infância”. Para essas pesquisadoras: “A Sociologia da Infância proclama a necessidade de ferramentas metodológicas que se conectem com os “devires” imprevisíveis” (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010, p.43), uma vez que as crianças, rompem com aquilo que, para os adultos é natural e necessário.

No Brasil, a Sociologia da Infância, como campo de estudos, começará a se consolidar a partir da década de 1990, na confluência entre os Pedagogos e os Sociólogos prioritariamente. No entanto, foi por Florestan Fernandes, ainda em 1947, que o movimento, que desembocaria na Sociologia da Infância ganhou seus primeiros contornos. Fernandes (2016) realizou um estudo sobre as “Trocinhas do Bom Retiro”, no qual explorou o processo de socialização e das culturas da infância. O autor escreveu sobre as crianças que brincavam livres nas ruas, e, sobre como os momentos de brincadeiras desenvolviam o aspecto emocional, cognitivo e físico. O autor percebeu como esse processo auxilia nas relações interpessoais entre os pares, provocando afeto, solidariedade e respeito.

O interesse de pesquisa permeia os conceitos de Sociologia da Infância e alfabetização e letramento, uma vez que neste entendimento, a educação escolarizada não deve desconsiderar as crianças como sujeitos pensantes, que interagem socialmente, influenciam e são influenciados pelas práticas cotidianas, que não são apenas receptores de conhecimento, mas “atores sociais” que produzem seu próprio conhecimento. Nesse sentido, a Sociologia da Infância deve ser pensada nas práticas de alfabetização e letramento.

E nesse processo de socialização e sociabilidade das crianças, que se sustentam os estudos sobre Cultura da Infância e Sociologia da Infância, verifica-se a indissociabilidade entre os conceitos de alfabetização e letramento, pois como explicam Magda Soares e Antônio Batista (2005, p. 54):

[...] a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização –, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a linguagem escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

É fato que cada sociedade vive um contínuo processo de evolução, contudo, sempre no contexto de classe social, educação, cultura, costumes e religião, e são nesses espaços sociais que a criança se encontra e vivencia as interações das linguagens e das comunicações, propiciando seus primeiros contatos com a prática de leitura realizada tanto dentro, quanto fora da sala de aula. É um processo contínuo que contribui para o ensino e aprendizagem que é o grande desafio do mundo contemporâneo, principalmente, no que diz respeito ao ensino da leitura e da escrita, em que a maioria das crianças do

Ensino Fundamental não dominam esses saberes. A respeito de letramento, Kleiman (1995, p. 20) discorre que:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes.

A autora ressalta que o uso da língua escrita vem sendo modificada, em todos os espaços, inclusive, nas Instituições de Ensino, “na escola a concepção do que seria ‘ser alfabetizado’, e do que é necessário para saber poder usar a escrita ao longo da vida.” (KLEIMAN, 1995, p. 19). Assim, se faz necessário inúmeras reflexões e questionamentos sobre as decisões tomadas por professores, que muitas vezes não realizam ponderações sobre o que é melhor ou pior para as crianças no processo de ensino e aprendizagem. É nesse contexto, que se percebe a quase nulidade da voz e o pensamento das crianças, que não são respeitados em seus conhecimentos e em suas experiências, tão pouco, o contexto social, no qual os sujeitos estão inseridos.

Ainda que não haja muitos trabalhos, do tipo “balanço da produção”, sobre tais assuntos é possível afirmar que, nas últimas décadas, os estudos sobre a infância no Brasil foram ampliados e adquiriram certo estatuto teórico-metodológico. Em artigo publicado, em 2010, as pesquisadoras Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira realizaram uma discussão a respeito da história da construção do campo da Sociologia da Infância na Europa e nos países anglo-saxões, bem como suscitaram algumas inflexões teóricas a respeito da Sociologia da Infância no Brasil. Segundo elas, esta é uma área em construção, pois:

[...] o processo de socialização pensado e construído como uma maneira asséptica e indolor de produzir crianças e configurar infâncias é um processo nem simples, nem fácil e nem mesmo indolor. A socialização é um processo social de exercício de poder e saber que se impõem sobre a criança, para produzi-las. A partir dos pressupostos da Sociologia, este processo deve ser entendido e descrito com a participação ativa da criança: ora resistindo, ora reinventando, ora imitando, ora aceitando etc. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010, p. 42).

No referido artigo, as autoras também realizaram um levantamento que abarcou pesquisas de mestrado e doutorado publicadas em um movimento crescente e ascendente de 1996 a 2009. Na ocasião, foram encontrados 19 trabalhos, sendo 16 concentrados na área da Educação, 02 em Antropologia e 01 em Psicologia. O ano de 2009 teve o maior número de pesquisas (05) com o descritor “sociologia da infância”. Tal fato colabora para a justificativa do presente artigo, que se propõe a, de certa maneira, dar continuidade ao estudo e

levantamento.

Percebe-se, ao analisar a pesquisa de Abramowicz e Oliveira (2010), que os estudos sobre a infância começam a se intensificar, na produção acadêmica brasileira, a partir da década de 1990. E, embora o trabalho destas pesquisadoras demonstre a existência de projetos sob a temática da Sociologia da Infância, ainda hoje, no contexto brasileiro, essa segue bastante atrelada à perspectiva da Pedagogia da Infância, que busca considerar os costumes das intervenções e compreensões das próprias crianças no seu cotidiano, no sentido de resistir a um modelo escolar de Educação Infantil, restringida na transmissão de saberes dos adultos, de forma imposta e dissociada da socialização ativa das crianças.

Teóricos do campo da Sociologia da Infância como Corsaro (2005), Sarmento (2003; 2004; 2005), Sirota (2001) compreendem a criança como ator social e pesquisam como essas interagem nas relações sociais. Compartilham da ideia de que toda criança é produtora de saberes quando tem liberdade de interagir com o outro e, projeta seu mundo de acordo com o espaço social que lhe é disponibilizado.

A despeito do que observou Florestan Fernandes, na década de 1940 - que para a formação das “Toucinhas” era necessário o espaço das ruas e da vizinhança, e é nesse universo dos grupos infantis que a interação e a socialização acontecia plenamente, contudo - o modo de vivenciar os espaços públicos mudou significativamente na atualidade. E, as crianças não possuem a mesma liberdade, nem tantos espaços criativos, já que a sensação de insegurança nas ruas das cidades é, cada vez maior, suscitada pela violência, pelos perigos do trânsito, etc. ao mesmo tempo em que as moradias se tornaram cada vez menores, exemplificadas por minúsculos apartamentos e casas sem quintais. Tudo isso faz com que as ruas e calçadas não sejam mais utilizadas para o brincar, ainda que a interação homem-mundo, sujeito-objeto, seja essencial para que o homem se torne sujeito de sua práxis.

É fato também que os avanços tecnológicos têm influenciado demasiadamente a existência e convivência das pessoas, em especial, a das crianças. Nesse aspecto, Brougère (1995, p. 50) enfatiza que: “A televisão transformou a vida e a cultura da criança, as referências de que ela dispõe. Ela influenciou, particularmente, a cultura lúdica”. Percebe-se que as crianças de hoje vivenciam uma infância muito evoluída tecnologicamente, em relação às gerações anteriores. Com isso, experimentam novas formas de brincar, muito diversas das brincadeiras de antigamente. A diversidade de brincadeiras do passado foi gradativamente cedendo e compartilhando espaço com os brinquedos prontos, tais como: bonecas, carrinhos de controle remoto, *videogames* e jogos eletrônicos nos *smartphones* ou *tablets*.

Ao identificar a criança, enquanto ser que vive e interage com o meio em que habita, que é moldada e modificada pelo Universo ao seu redor, que vive o seu tempo transitório e se prepara para a vida adulta, muitas vezes, sem se aperceber das mudanças, tanto físicas quanto psíquicas, percebe-se a

importância de reflexões acerca de temas como a Sociologia da Infância, da alfabetização e do Letramento. Aliás, como coloca a pesquisadora Angela B. Kleiman (2014, p. 88):

O impacto do letramento, nessa época de mudanças e de transformações, toma grande proporção na vida das pessoas, pois se torna imprescindível à sobrevivência do cidadão na sociedade da tecnologia e da informação, da transformação e da transitoriedade. E para acompanhar as novas demandas da sociedade contemporânea, o estudante precisa ler, interpretar e posicionar-se. No entanto, para agir no mundo contemporâneo, o próprio aluno deve desenvolver estratégias de acesso à informação e traçar os caminhos que fazem sentido para ele. O agente de letramento, que pode ser o professor, um voluntário da comunidade, um pesquisador, orienta o trabalho do aluno fornecendo materiais relevantes e modelos de atividades significativas.

Sendo assim, salienta-se a relevância de investigações relacionadas à Sociologia da Infância e alfabetização e letramento, no sentido de estimular reflexões e novas práticas no cotidiano escolar. E por não se saber o estado desse conhecimento no Brasil, no período de 2015 a 2020 é que se empreende esta pesquisa, que será apresentada nos capítulos seguintes, lembrando que as pesquisas e publicações levantadas reverberam o tema da Sociologia da Infância na Educação brasileira.

A metodologia é o campo dedicado à explicitação do caminho do pesquisador em sua investigação, essencial para o entendimento do processo que levou a determinado resultado. Sendo assim, a seguir, esclarece-se sobre o tipo de pesquisa utilizada em relação aos objetivos, procedimentos técnicos e abordagem; os instrumentos de coleta de dados e a amostragem.

No tocante aos objetivos se trata de uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (2007) é uma pesquisa que oportuniza conhecer mais sobre a temática, que se pretende investigar, trazendo subsídio informacional para melhor delimitação e problematização do objeto de estudo.

2.1 Metodologia

A investigação possui abordagem quanti-qualitativa, uma vez que apresenta dados quantitativos dos artigos publicados em periódicos e teses e dissertações, que não sofreram análise e foram apenas descritos e dados qualitativos relacionados às análises dos textos das dissertações e teses.

Sobre a abordagem quantitativa, para a Gatti (2004), a quantificação que abrange um conjunto de procedimentos, de técnicas e de algoritmos destinados a *auxiliar* o pesquisador a extrair de seus dados *subsídios* para responder as perguntas que o mesmo estabeleceu como objetivos de seu trabalho. A respeito da abordagem qualitativa, esta infere análise dos dados coletados que serão descritos com maiores detalhes. Para Bogdan e Biklen (1994), na pesquisa qualitativa, os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos.

A base empírica para coleta de dados foi a Internet, especificamente, a base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de

Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e da base de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Na BDTD do IBICT se adotou o descritor “Sociologia da Infância”, tendo como resultado 107 materiais. Ao refinar a busca por coleções publicadas no Brasil, na área temática Ciências Humanas, redefinindo pelo período 2015 a 2020, e em Língua Portuguesa, ficaram 36 publicações. Ao refinar ainda mais, direcionando para Sociologia da Infância na área da educação, o resultado foi de 17 trabalhos. Cabe salientar que, até outubro de 2020, data do encerramento da coleta de dados, ainda não houve publicação sobre a temática, no banco de dados do IBICT.

Na base de periódicos da CAPES foi utilizada a palavra-chave: Sociologia da Infância, em busca avançada; assunto exato, com data de publicação nos últimos cinco anos, ou seja,

de janeiro de 2015 a 2020, obtendo o resultado de 30 produtos. Sendo que, no refinamento por periódicos revisado por pares, apenas em Língua Portuguesa, obteve-se o resultado de 19 artigos. Destes, foram selecionados 17, pela sua pertinência voltada à Educação, Educação Infantil e Ludicidade. Dois artigos foram desconsiderados, por estarem voltados para a área da Saúde.

Nesse espaço são apresentados os resultados alcançados com a pesquisa do Estado do Conhecimento das publicações brasileiras sobre Sociologia da Infância, no período de 2015 a 2020, identificando se há alguma abordagem relacionada com o letramento.

A pesquisa empreendida, na base de dados do IBICT, resultou em 17 publicações entre teses e dissertações, apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Teses e dissertações sobre Sociologia da Infância

	Título/ Autor / Orientador (a)	Ano	IES	Nível	Modalidade
01	A presença das crianças migrantes haitianas nas escolas de Sinop/MT: o que elas visibilizam da escola? Autor/a: Alexandre, Ivone Jesus lattes Orientador/a: Anete Abramowicz	2019	UFSCAR	Mestrado	Profissional
02	Pressupostos epistemológicos das pesquisas sobre criança, infância e educação infantil: análise das contribuições da sociologia da infância Autor/a: Lucas Ramos Martins Orientador/a: Ademilson de Sousa Soares	2019	UFMG	Mestrado	Acadêmico
03	Educação para o encontro: a experiência do outro e a experiência do fantástico entre crianças e professores Autor/a: Moreira, Tony Aparecido Orientador/a: José Milton de Lima	2019	UNESP Presidente Prudente	Doutorado	Acadêmico
04	Infância, crianças e TDICs: implicações a partir das vozes infantis Autora: Daniela Gorgulho Bogolenta Orientadora: Maria Leticia Barros Pedroso Nascimento	2019	USP	Mestrado	Acadêmico
05	“Mas eu acabei de começar?” A reiteração e as nuances do tempo no contexto escolar Autor/a: Furlan, Susana Angelin Orientador/a: José Milton de Lima	2018	UNESP Presidente Prudente	Mestrado	Acadêmico
06	Inquietações sobre a infância na obra de Lygia Bojunga Autora: Maracajá, Fernanda Dutra lattes Orientador/a: Ribeiro, Gilvan Procópio lattes	2018	UFJF	Mestrado	Acadêmico
07	Infância(s) e criança(s) sob o olhar da psicoterapia: concepções de estagiárias em Psicologia Autor/a: Souza, Karina Carvalho Veras de Orientador/a: Rosângela Francischini	2017	UFGD	Doutorado	Acadêmico
08	Um estudo sobre as relações étnico raciais na perspectiva das crianças pequenas Autor: Corrêa, Lajara Janaina Lopes Orientador/a: Anete Abramowicz	2017	UFSCAR	Doutorado	Acadêmico
09	Estudos da infância na América do Sul: pesquisa e produção na perspectiva da sociologia da infância Autor/a: Monique Aparecida Voltarelli Orientador/a: Maria Leticia Barros Pedroso Nascimento	2017	USP	Doutorado	Acadêmico
10	A interactividade como fomentadora da ludicidade: tudo fica “típico” quando as crianças brincam na educação infantil Autor: Watanabe, Denise Orientador/a: José Milton de Lima	2017	UNESP	Mestrado	Acadêmico
11	Repensando a socialização na educação infantil: o entendimento e as práticas na formação docente do curso de pedagogia Autor/a: Oliveira, Maria Patricia Costa de Orientador/a: Adir Luiz Ferreira	2016	UFRN	Mestrado	Acadêmico

	Título/ Autor / Orientador (a)	Ano	IES	Nível	Modalidade
12	Concepções de criança, desenvolvimento e educação infantil: uma análise interpretativa de familiares e profissionais de creches Autor/a: Barroca, Karla Cabral lattes Orientador/a: Patrícia Maria Uchôa Simões	2016	UFRPE	Mestrado	Acadêmico
13	Culturas lúdicas infantis na escola: entre a proibição e a criação Autor/a: Azevedo, Nair Correia Salgado de Orientador/a: José Milton de Lima	2016	UNESP	Doutorado	Acadêmico
14	Educação infantil popular: possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST Autor/a: Freitas, Fábio Accardo de, Orientador/a: Ana Lúcia Goulart de Faria	2015	UNICAMP	Mestrado	Acadêmico
15	É a escola o lugar da infância? Um estudo sobre o desenvolvimento da infância brasileira na legislação do século XX Autora: Bruna Brenda Orientadora: Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento	2015	UNEPS	Doutorado	Acadêmico
16	Configurações do ofício de aluno: meninos e meninas na escola Autor/a: Fábio Hoffmann Pereira Orientador/a: Marília Pinto de Carvalho	2015	UPS	Doutorado	Acadêmico
17	Gênero, família e escola: socialização familiar e escolarização de meninas e meninos de camadas populares de São Paulo Autor/a: Adriano Souza Senkevics Orientador/a: Marília Pinto de Carvalho	2015	USP	Mestrado	Acadêmico

Fonte: Dados da pesquisa.

De posse dos resultados alcançados com a pesquisa foi possível, após leitura dos trabalhos, realizar uma síntese, apresentada a seguir.

O primeiro estudo está vinculado à linha de pesquisa Sociologia da Infância do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. O objetivo geral foi compreender como ocorria a inserção das crianças haitianas nas escolas públicas de Sinop/MT; além de averiguar o que o estrangeiro mostra da escola e como a presença das crianças migrantes negras visibilizam a racialização na escola. De abordagem etnográfica, o recorte temporal abrangeu as crianças migrantes, que vieram com seus pais para o Brasil entre 2015-2016. Embasaram os estudos autores como Oliveira e Abramowicz (2010), Abramowicz *et al.* (2003, 2009, 2011, 2015), Abramowicz (2011), André (2016), Sarmiento (2008, 2011), Corsaro (2002), Hall (2003, 2014), Woodward (2014) e Louro (2008). O resultado da pesquisa aponta que por serem percebidas pelos professores e pelos colegas como diferentes, essas crianças causam impacto no ambiente escolar, estabelecendo uma hierarquia entre as próprias crianças e, dentro dessa hierarquia, as crianças haitianas são subalternizadas em relação às demais.

A segunda, de viés teórico/bibliográfico, teve por objetivo analisar e compreender as contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas educacionais brasileiras, a partir de um mapeamento dos pressupostos epistemológicos de investigações sobre criança, infância e educação infantil em dissertações, teses, artigos científicos e trabalhos da ANPED entre os anos de 2006 e 2016. A partir dos textos que abordam, especificamente, a Sociologia da Infância, o autor buscou compreender este campo do conhecimento indicando proposições, tendências, temas e abordagens predominantes. Como resultados, houve o mapeamento do ano e local de

publicação, do gênero dos (as) autores (as), da área e do tema de estudo dos (as) autores (as). Também elucidou, a partir da perspectiva epistemológica e ontológica, as concepções sobre a produção de conhecimento, de ser humano, de história e as noções em torno da criança, da infância e da Educação Infantil.

A terceira investigação surgiu a partir de um estudo com turmas de crianças matriculadas na Educação Infantil, pautado no protagonismo e no imaginário infantil. Foram coparticipantes da pesquisa: crianças, professoras, pais e responsáveis, junto aos quais se constatou a pertinência da construção de vínculos de confiança entre adultos e crianças para qualificar as práticas pedagógicas e, também, a necessidade de aprofundamento da experiência da fantasia e da ludicidade. Os participantes perceberam que era necessário conhecer, com profundidade, o fenômeno do encontro na relação entre crianças e professores, pois essa realidade parece cada dia mais complexa. Teve como objetivos: 1- fomentar e compreender a experiência do encontro entre professores e crianças; 2 - ampliar a experiência da ludicidade e da fantasia entre as professoras e as crianças participantes; 3- identificar as disposições humanas necessárias para o desenvolvimento de uma “educação para o encontro”. Os encontros foram realizados a partir da escuta das crianças, do contar de histórias abertas às propostas de roteiro das crianças, da vivência de brincadeiras, de jogos e de atividades lúdicas, sobretudo, brincadeiras de cunho fantasioso e criativo. Identificou-se a ampliação da experiência da ludicidade e da fantasia entre os sujeitos, o levantamento de caminhos para uma educação pautada no encontro, a conscientização dos sujeitos acerca da primordialidade do outro e qualificação das práticas pedagógicas, tempos e espaços dentro da instituição investigada.

O quarto trabalho buscou visibilizar e analisar as falas das crianças sobre as vivências com as TDICs¹ no contexto escolar, mas também levando em consideração as experiências extraescolares. Desenvolveu-se à luz dos pressupostos do campo da Sociologia da Infância, evitando o discurso determinista sobre os efeitos dos avanços tecnológicos e dando espaço ao que as crianças trouxeram em suas falas.

O quinto trabalho foi uma dissertação realizada em uma escola de Educação Infantil, de um município do Oeste do Estado de São Paulo e contou com a participação de duas professoras e aproximadamente 49 crianças, divididas em duas turmas. Sua origem está baseada na questão de que as crianças tinham uma percepção diferenciada do tempo. Ao realizar o levantamento em profundidade, foi identificado que havia poucos estudos sobre a reiteração, o eixo tempo das Culturas da Infância. Sendo assim, a pesquisa assumiu como objeto de estudo a reiteração e as nuances do tempo no contexto escolar.

A investigação buscou compreender como as crianças e as professoras concebem o tempo infantil e como as crianças lidam com os posicionamentos derivados das concepções das educadoras. Foi utilizada a pesquisa etnográfica e como instrumentos de coleta de dados a observação e as entrevistas. Entre os resultados se destacaram: a produção de saberes sobre o tempo infantil; que a concepção de tempo que impera entre as professoras, dentro da sala de aula, é o tempo do relógio, com a demarcação da rotina, por exemplo. As crianças, no entanto, reagem a esse posicionamento com a dessacralização do tempo escolar, que é feita através das brincadeiras e que permite a criação e reinvenção de outros tempos, por exemplo, o Kairós, Aión e ou Kaión, contestando e brincando com o todo poderoso e determinante tempo Chronos. Destacaram, ainda, a necessidade de relativização do tempo (Chronos) pelas professoras e o reconhecimento dos outros tempos para a realização de um trabalho pedagógico mais adequado e coerente com as especificidades da infância, garantindo, assim, uma comunicação mais efetiva entre os sujeitos no contexto educacional.

O sexto trabalho propõe um debruçar teórico sobre algumas questões relativas à literatura infantil, a partir de uma análise da obra: *A bolsa amarela* (1976/2015), de Lygia Bojunga, tomando-se como pano de fundo a teoria psicanalítica, a estética da recepção, a sociologia da infância e as teorias e críticas da literatura infantil. A pesquisadora levantou questionamentos como: o que pode ser considerado como “infância”? O que delimita uma literatura dita infantil? Como ocorre o processo de leitura realizado por uma criança? É possível aproximar a leitura criativa ao brincar? A leitura, como o brincar, pode ser considerado um recurso de articulação de significantes que opera, portanto, efeitos no sujeito-leitor? Além das ferramentas teóricas utilizadas se recorre aos livros,
1

da mesma autora, Paisagem (2013), Fazendo Ana Paz (2007a) e Livro - um encontro (2007b), em função do fato de essas obras exprimirem o seu olhar, de forma criativa, quanto ao processo de leitura, de escrita e a relação entre esses.

A sétima pesquisa objetivou descrever e analisar as concepções de infância e criança no contexto da clínica psicológica infantil para estagiárias de Psicologia. Parte do pressuposto, em Vygotski, segundo o qual a história do desenvolvimento infantil e o nascimento cultural da criança definem sua condição de ator social. O processo psicoterápico apareceu como dialógico, no qual a criança produz sentidos acerca do lugar em que foi posta pelo adulto. A Análise de Discurso, fundamentada nas ideias do Círculo de Bakhtin, foi a ferramenta com a qual foram analisados os discursos das estagiárias, resultando no eixo denominado Concepção de criança. Este se dividiu em outros três subeixos: 1. Ser que desperta medo; 2. Criança: mobilização peculiar e 3. Ser criança x Ser adulto. A concepção de criança na clínica permanece referenciada pelo discurso do adulto sobre ela. Nesse sentido, a linguagem da criança; sua compreensão da realidade, a forma de estabelecer relações, os modos de interação com o outro e modalidades de sofrimento psíquico, foram tomados em uma referência marcadamente inferior em relação ao que o adulto pode apresentar quanto aos mesmos aspectos. Desse modo, é preciso reconhecer que a criança tem uma vivência e que é esta que deve orientar, prioritariamente, os processos de intervenção na relação psicoterápica.

A oitava pesquisa analisou as relações étnico-raciais entre crianças de três a seis anos. Com os objetivos de identificar: de que maneira as crianças pequenas compreendem a identificação étnico-racial; em qual momento começam a ter “noção” sobre o pertencimento racial; quais as impressões sobre as relações raciais e como se autodeclaram. A pesquisa verificou como as crianças pequenas subjetivam, contam e falam sobre a temática racial, pois da mesma forma que se aprende a ser menina ou menino se aprende a ser negro e a ser branco. Trata-se de uma estrutura social real, relacional e da agência das crianças que necessita ser diagramada. O desafio da pesquisa foi dialogar com as crianças sobre a sua cor e raça. Como constroem seu processo de identificação. Analisam-se as relações raciais entre crianças pequenas, buscando explicitar a perspectiva das crianças sobre o pertencimento racial, a partir de discussão sobre conceito de criança e infância presente na sociologia da infância. A pesquisa se torna relevante para o entendimento de como as crianças percebem a diversidade étnico-racial no cotidiano desde a tenra idade.

Na nona pesquisa foi investigado, em dois países deste Continente, o que se tem pesquisado e produzido na perspectiva da sociologia da infância. Mapeou, considerando o período de 2010 a 2013, as produções de autores sul-americanos hispano-falantes, por meio da consulta a diferentes bases de dados, da realização de visitas aos países escolhidos

1 Tecnologia Digital da Informação e Comunicação.

para melhor conhecimento da produção, e de entrevistas com os pesquisadores se recorreu ao conceito de campo científico em Bourdieu (2004a.), sendo a Argentina e Chile os países investigados. Como resultado se constata que, em um primeiro momento, as produções europeia e norte-americanas tiveram grande influência na realização de investigações científicas nos países investigados, mas se conclui que os movimentos próprios do campo podem estruturar outros caminhos para as produções e teorizações da infância no Hemisfério Sul.

A décima pesquisa investigou os eixos estruturadores das culturas infantis interatividade e ludicidade. Constatou-se que havia uma carência em compreender e em integrar a interatividade como elemento fomentador da ludicidade. A partir desse fato, fundamentada na Sociologia da Infância, buscou-se compreender e aprofundar os conhecimentos de como as relações sociais (interatividade) adulto/criança, criança/adulto e criança/pares infantis se estabeleciam e se efetivavam, tendo em vista fomentar a ludicidade. Como resultados se destaca a ampliação da cultura lúdica no contexto pesquisado; a (re) significação das crianças nas formas de brincar, de expressar e/ou de imaginar, não se limitando àquilo que era proposto pela pesquisadora, mas indo além; as estratégias criadas por e entre as crianças para adentrar as brincadeiras, para estabelecer e/ou efetivar amizades, ou para superar conflitos e (des) afetos com os pares; as tentativas infantis de transgredir, de negociar ou de burlar normas e regras impostas pelos adultos ou por outras crianças; a transposição de situações reais para o mundo simbólico/imaginário; os relatos e expressões infantis que associavam a “felicidade” (delas ou dos personagens apresentados nas histórias) com o fato de “ter amigos” ou de “ter com quem brincar”; e por fim, no decorrer de toda a pesquisa, o desejo e a solicitação das crianças (participantes da pesquisa em anos anteriores ou de outras seriações, que nunca participaram da pesquisa, mas que sempre observavam) para que as brincadeiras se expandissem e contemplassem também o Ensino Fundamental. Em consonância com a Sociologia da infância, com os eixos estruturadores das culturas infantis e com documentos norteadores, que regem a Educação Infantil, a pesquisa concluiu que a interatividade e a ludicidade se complementam, visto que a brincadeira não é inata, mas um elemento cultural, histórico e social que necessita ser ensinado, aprendido e recriado. Portanto, cabem aos adultos

pensarem em tempos, em espaços, em recursos, em materiais, em estudos, em práticas e em ações qualitativas, diversificadas e significativas às crianças, de forma a possibilitar, valorizar e ampliar a cultura lúdica nos contextos de Educação Infantil.

A décima primeira pesquisa traz contribuições críticas e pedagógicas da Sociologia da Infância para a formação e a prática docente na Educação Infantil, especialmente, na relação entre socialização infantil e aprendizagem escolar, na formação do curso de pedagogia. Com uma abordagem qualitativa e compreensiva, tendo como sujeitos os estudantes com experiência no estágio curricular. Como objetivo geral se buscou contribuir na formação dos professores que poderão trabalhar com crianças, analisando as concepções e as práticas educativas relacionadas às formas de socialização escolar da infância. Concluindo, se poderia deduzir que para os futuros pedagogos, pela insuficiência dos seus conhecimentos sociológicos de formação, seria difícil que eles integrassem em suas práticas pedagógicas a perspectiva das crianças sobre a própria socialização escolar. Então, desde que não se tornasse mais um campo disciplinar teoricista e burocrático, a Sociologia da Infância traria muitas contribuições na formação e para a ação pedagógica dos professores da Educação Infantil.

Da décima segunda a décima sétima, os temas são abordados se relacionando à produção das culturas lúdicas infantis, permeando os contextos escolares. Essas 06 pesquisas descrevem, de forma clara, os dilemas da Educação Infantil e, ainda, as mais diversas formas de cerceamento do protagonismo infantil. Entre estas últimas pesquisas, algumas têm como objetivo compreender o desenvolvimento da infância no Brasil em sua relação com a educação escolar, ao longo do século XX, acrescenta-se ainda, um trabalho com crianças dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a pesquisa parte da problemática e faz um questionamento bem pertinente a esse público: se esta pode ser compreendida como uma proposta de Educação Infantil Popular? Cabe destaque também, a última pesquisa que trata das desigualdades de gênero na educação, a socialização com a família, a escolarização de meninos e meninas das camadas populares. Nesse caso específico, foi possível perceber que, no universo de gênero, a educação brasileira tem se revertido a favor das meninas.

No Quadro 2 são apresentados os resultados da busca na base de dados de periódicos da CAPES.

Quadro 2 – Artigos de periódicos sobre Sociologia da Infância na área da Educação

Nº	Título	Autor(a)	Ano	IES	Revista	Palavras-chave
01	A fantasia do real e a criança: tudo fica mais legal quando ela pode brincar e imaginar na educação infantil.	Watanabe, Denise et al.	2016	Universidade do Oeste Paulista	Colloquium Humanarum	Sociologia da Infância, Imaginação, Ludicidade, Infância.
02	Sociologia da infância. (Resena de livro)	Moreira, Martha C. Nunes; Souza, Waldir da Silva	2015	-	Ciência & Saúde Coletiva	Corsaro, W. A. Sociologia da Infância
03	A interatividade como fomentadora da ludicidade: em busca de caminhos e sentidos na educação infantil.	Watanabe Denise et al	2017	Universidade do Oeste Paulista	Colloquium Humanarum	Educação, Sociologia da Infância, Culturas Infantis

Nº	Título	Autor(a)	Ano	IES	Revista	Palavras-chave
04	Culturas lúdicas infantis na escola: entre a proibição e a criação.	Azevedo, Nair Correa Salgado; Lima, Jose Milton de	2018	Universidade do Oeste Paulista	Colloquium humanarum	Educação, Sociologia da Infância, Culturas Infantis, Lúdico, Crianças
05	Educação e sociedade: o aluno no processo de ensino e aprendizagem segundo a sociologia da infância.	Ferreira, Danieli Cristina; Cruz, Jaqueline; Azevedo, Nair Correa Salgado	2018	Universidade do Oeste Paulista	Colloquium Humanarum	Educação, Sociologia da Infância, Sociedade, Criança
06	A valorização das culturas infantis através das brincadeiras imaginativas.	Furlan, Susana Angelin et al.	2017	Universidade do Oeste Paulista	Colloquium Humanarum	Criança, Imaginação, Brincadeiras, Infância, Sociologia da Infância
07	“Brincar é coisa séria!”- as contribuições da sociologia da infância para a compreensão da brincadeira na educação infantil	Azevedo, Nair Correia Salgado; Souza, Taisa Palma de	2017	Universidade do Oeste Paulista	Colloquium humanarum	Brincadeira, Sociologia da Infância, Cultura de pares, Educação Infantil
08	Escola, família, infância e fantasia: crianças e adultos construindo vínculos de confiança	Moreira, Tony Aparecido et al.	2016	Universidade do Oeste Paulista	Colloquium humanarum	Fantasia, Sociologia da Infância, Educação Infantil, Imaginação, Adultos e Crianças
09	Pistas para um agir criancável nas experiências de conflito.	Vicentin, Maria Cristina G.; Gramkow, Gabriela	2018	Universidade Estadual de Campinas	Educação temática digital	Infância. Conflito e Educação. Escola. Sociologia da Infância.
10	O brinquedo como fomentador das culturas da infância no contexto escolar.	Santos, Larissa Aparecida Trindade	2016	Universidade do Oeste Paulista	Colloquium humanarum,	Brinquedo, Criança, Cultura, Sociologia da Infância, Práticas Educativas
11	O que você quer ser quando crescer??. Escolarização e gênero entre crianças de camadas populares urbanas.	Senkevics, Adriano Souza; Carvalho, Marília Pinto	2016	Universidade de São Paulo (USP)	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	Rendimento Escolar, Relação de Gênero, Sociologia da Infância
12	Infância, normatividade e direitos das crianças: transições contemporâneas.	Marchi, Rita de Cássia; Sarmiento, Manuel Jacinto	2017	Universidade Regional de Blumenau. SC Universidade do Minho – Braga	Educação & Sociedade,	Normatividade; Infância; Direitos da criança; Sociologia da infância
13	Eu vo lá ontem, papai! — experiência e culturas infantis: reflexões sobre infância e temporalidade recursiva.	Sanches, Eduardo Oliveira; Silva, Divino José	2016	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Educação & Sociedade	Infância, Temporalidade, Recursiva, Experiência, Cultura Infantil, Sociologia da Infância
14	Brinquedotecas em diferentes contextos: perspectivas contemporâneas para a formação de educadores.	Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira	2015	Universidade Federal do Maranhão	Revista Educação e Emancipação	Sociologia da Infância. Brinquedotecas. Crianças.
15	Reflexões sobre os jogos digitais sob a perspectiva da sociologia da infância	Albuquerque, Rafael Marques; Kern, Caroline	2019	Universidade Estadual de Campinas	ETD: Educação Temática Digital	Jogos digitais, Sociologia da infância, Brincar, Criança, Adultocentrismo.
16	Relações étnico-raciais e crianças: uma análise da produção da ANPED	Santana, José Valdir Jesus; Soares, Suelma Souza Santos	2019	Universidade Federal de Rondônia	Educa Porto Velho	Crianças. Relações raciais. Sociologia da infância.
17	Uma nova sociologia em defesa das crianças e suas infâncias.	Oliveira, Fabiana Canaveira	2017	Universidade Federal do Maranhão	Revista Educação e Emancipação	Sociologia da Infância; Sociologia da Educação; Educação Infantil

Fonte: Dados da pesquisa.

Cabe ressaltar que, nesta oportunidade, realiza-se análise, apenas, das teses e dissertações e que os dados constantes nos artigos poderão ser descritos com mais profundidade em outro momento ou mesmo, por outros pesquisadores.

4 Conclusão

A pesquisa teve como objetivo identificar, nas publicações brasileiras, em Língua Portuguesa, de 2015 a 2020, as teses e dissertações e artigos de periódicos que abordavam sobre

Sociologia da Infância, constantes nas bases de dados do IBICT e da CAPES, evidenciou-se que a abordagem qualitativa foi encontrada nas análises das teses e dissertações e que os resultados condizentes aos artigos foram apenas descritos e não analisados.

Foram recuperados nas bases 17 artigos de periódicos e 17 trabalhos entre teses e dissertações, sendo que a análise foi realizada apenas nas teses e dissertações.

As teorias publicadas nas teses e dissertações tiveram um olhar sobre o espaço que o tema ocupa no território brasileiro. Nesse aspecto se percebe o intuito dos pesquisadores de abrir caminhos diante da quase invisibilidade da Sociologia da Infância e que esta possibilita diversos discursos com persistência na perspectiva da criança, enquanto ser social.

A Sociologia da Infância trata e reconhece a criança como um agente social que intervém no meio e, também, é modificado pelo meio em que vive, ou no qual está inserido, porém ela ainda não aprofunda, nem tece muitos diálogos com a temática da alfabetização e do letramento, que são processos relevantes para a inserção desta criança no meio social, dando melhores condições de exercer seu papel como agente social, pelo menos é o que demonstra o levantamento realizado até o momento. Entre os trabalhos pesquisados, somente as pesquisas de número 03 e 06 trataram transversalmente do letramento e sociologia da infância (SI).

Mesmo considerando que a Sociologia da Infância é um campo ainda novo no Brasil, este é um universo que necessita de avanços, com os teóricos do letramento, uma vez que as pesquisas que abordam esta temática, no Brasil, parecem ser insuficientes, ao se considerar a relevância que essa proporciona para a Educação Infantil, no sentido da compreensão da criança enquanto protagonista do seu existir.

Espera-se que os resultados desta investigação contribuam com profissionais da educação e outros pesquisadores que se interessem pela temática, estimulando uma reflexão ampla da Sociologia da Infância no Brasil, bem como sobre os processos de alfabetização e letramento.

Referências

- ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. *Educação*, v.35, n.1, p.39-52, 2010.
- BOGDAN, R.; BIKLEN. *Investigação qualitativa em educação*: uma introdução à teoria aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CORSARO, W.A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educ. Soc.*, v.26, n.91, p.443-464, 2005.
- DURKHEIM, É. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- FERNANDES, F. As “trocinhas” do Bom Retiro. *Pro-Posições*, v.15, n.1, p. 229-250, 2016.
- GABRIEL, S.C.F.; ROCHA, S.A.; CARDOSO, C.J. A história da biblioteca em pesquisas: algumas considerações. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCERE, 10. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 1., 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PUC, 2011.
- GATTI, B. Estudos quantitativos em educação. *Educ, Pesq.*, v.30, n.1, p.11-30, 2004.
- GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.
- IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações: BDTD. 2019. Disponível em: <<http://bdttd.ibict.br/vufind/>>> Acesso em 13 abr. 2020.
- KLEIMAN, A.B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- KLEIMAN, A.B. Letramento na contemporaneidade. *Bakhtiniana*, v.9, n.2, p.72-91, 2014.
- OLIVEIRA, A.C.D.C. et al. *Estudos sociológicos sobre infância no Brasil: crianças sem gênero?*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa, 2011.
- QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. *Perspectiva*, v. 20, p. 137-162, 2002.
- SARMENTO, M.J. Imaginário e culturas da infância. *Cad. Educ.*, v.12, n.21, p.51-69, 2003.
- SARMENTO, M.J. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004.
- SARMENTO, M.J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, v.26, n.91, p.361-378, 2005.
- SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cad. Pesq.*, n. 112, p.7-31, 2001.
- SOARES, M.; BATISTA, A.A.G. *Alfabetização e letramento: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005.